

Análise do conto “O Homem na Multidão”, de Edgar Allan Poe

Contextualização

No século XIX, a modernidade encontra seu ápice com a industrialização, a urbanização e o crescimento acelerado das cidades. Esses fatores redefiniram as constituições identitárias dos sujeitos e originam novas formas de se perceber a realidade. Tal realidade passa a ser marcada pela preponderância da vida cosmopolita, uma vez que “todas as inovações do século XIX pressupõem grandes concentrações urbanas, pois elas são capazes de assimilar comportamentos coletivos” (Azevedo, 1998).

A interpenetração entre as esferas pública e privada é outro fator que caracteriza esse período. Imerso neste contexto de novidades, o sujeito moderno vai ser confrontado com novas concepções de individualidade, que tensionam sua percepção de mundo e alteram a forma como ele vê a si mesmo e o espaço que o cerca. “Configuram-se, nas cidades, novos mecanismos de observação e de confinamento de pessoas, classes, usos e ocupações, enquanto se disciplina uma nova ordem urbana, vígil e policiada” (Azevedo, 1998). Ao mesmo tempo, ele está deslumbrado pela modernidade, mas também é constantemente tomado pelo estranhamento em relação a certos avanços trazidos por ela.

Esse sujeito moderno é atravessado por um processo constante de transformação do mundo ao seu redor e também de autotransformação, o que confere a ele sentimentos de desorientação, desraizamento, e desintegração da sua própria identidade. Mergulhado nesse conflito interior, esse sujeito passa a buscar conferir sentido a realidade e a ele mesmo.

Teoria do conto moderno de Poe

Em seu ensaio “Filosofia da Composição” (1846), Poe analisa o seu poema mais conhecido “O Corvo”, apresentando uma espécie de metodologia para constituição de uma obra literária.

A primeira consideração feita é em relação a extensão da obra, tratando especificamente da poesia e do conto. O autor defende que ao criar uma unidade de impressão – uma narrativa breve, não muito longa – o autor possibilita uma maior apreciação da totalidade da obra pelo

leitor, isso porque este não terá a sua atenção interrompida, por não precisar de um tempo muito extenso para fazer a leitura completa da obra. Tendo uma composição breve, o leitor é atingido pelo efeito desejado de intensidade, uma vez que, segundo Poe: “[...] todas as emoções intensas, por uma necessidade psíquica, são breves”.

Todos os elementos da narrativa – tempo, espaço, narrador, personagens, etc. – são construídos desde o princípio para atingir esse efeito intenso, de reverberação no leitor. Segundo Baudelaire (2000), autor francês que possui um diálogo profundo com a obra de Poe e vice-versa, o estilo de Poe “puro, adequado às ideias, dando delas a expressão exata”.

Outra característica presente nos contos de Poe está em se debruçar acerca da complexidade da vida nas cidades. Nessa realidade que elaborada esteticamente, este mundo em transformação se torna o mistério real, que deverá ser investigado para ter o seu sentido revelado.

Análise do conto

O conto se inicia com a epígrafe, retirada de uma das obras do autor francês La Bruyère, que em tradução livre seria: “Que grande infortúnio, o de não poder estar sozinho”, referindo-se ao homem moderno que está fadado a conviver com os outros.

O conto então acompanha o ponto de vista de um narrador que observa, por uma grande janela dentro de um café, os movimentos de uma multidão que passa, no fim de uma tarde de outono, pelas ruas movimentadas da Londres de meados do século XIX.

Esse narrador busca adivinhar, pelas vestimentas e trejeitos das pessoas, as profissões, as ambições, as histórias de vida que as identificam e os estratos sociais a que pertencem. Nesse exercício, vai distinguindo fidalgos, comerciantes, negociantes, agiotas, baixos e altos funcionários, batedores de carteira, jogadores, militares etc., todos os tipos que compõem a massa de transeuntes. Conforme a noite avança, o interesse pela multidão aumenta por ser o momento em que ela passa a ficar mais caótica.

Essa mudança de olhar da cena privada, de pessoas pertencentes a mesma classe compartilhando o mesmo ambiente do salão de hotel, para a massa de pessoas que caminhava

pela cidade remete à mudança de olhar da modernidade, que expande a sua atenção da vida privada para a investigação do sujeito a partir da realidade a que está inserido.

Um traço importante no modo como a multidão é descrita no conto está relacionada a passagem do tempo. A ação se movimenta para a noite, em que a escuridão se mistura à luz difusa dos lampiões a gás, fazendo com que a paisagem urbana e a massa de pessoas seja saturada por um tom inquieto, de mistério. Esses lampiões de gás também também podem ser interpretados como um símbolo da modernidade, uma vez que a iluminação pública e noturna surge neste período.

Ocorre, então, uma mudança na ação pelo surgimento na multidão de um homem misterioso, descrito como um velho decrepito cujo semblante e a “absoluta idiossincrasia da expressão” causam fascínio no narrador que nunca vira algo parecido e se vê impedido de decifrar, como fazia até então, a que estrato social ou a que tipo de história tal homem estaria ligado.

A partir desse momento, o narrador passa a perseguir, em meio à multidão, o homem misterioso que lhe desperta fascínio. Após uma longa jornada que terminará na manhã do dia seguinte, percebe-se que o homem não tem qualquer destino claro. Ele vaga de maneira imprevisível pelas ruas, entra em lojas sem objetivo algum, se afasta e retorna para a multidão, se detém por alguns segundos, absorto em seus pensamentos, para logo em seguida voltar a agir aleatoriamente.

Sem conseguir entrever, então, nada de sua motivação ou de qualquer objetivo que permita compreender os movimentos desse homem, o narrador decide por abandonar sua investida. Nesse momento, ele conclui ser esse velho o próprio “homem da multidão”, “o tipo e o gênio do crime profundo”, que se recusa a estar só, concluindo ainda que nada poderá saber a respeito dele ou de seus atos, sendo inútil continuar a segui-lo.

Com esse desfecho, uma interpretação possível está na impossibilidade da razão em capturar plenamente o singular, expresso na figura do homem misterioso. Apesar da investigação, sempre haverá uma dimensão indecifrável, restando apenas o reconhecimento de que “há mistérios que não aceitam ser revelados”.

A multidão

- A multidão é descrita como movimentada, confusa, quase sufocante pela sua efervescência. Essa descrição sistemática remete ao caráter racional e metódico das narrativas do Poe.
- Segundo Walter Benjamin (2009): “É de se supor que a multidão, tal como aparece em Poe, com movimentos precipitados e intermitentes, seja descrita de maneira particularmente realista. Sua descrição contém uma verdade superior. Estes movimentos são menos os de pessoas que se ocupam de seus negócios do que os movimentos das máquinas por elas operadas. Poe parece ter modelado, premonitoriamente, a atitude e as reações das multidões ao ritmo das máquinas”.
- A citação benjaminiana relaciona o movimento da multidão com o movimento das máquinas. Com isso, podemos perceber o caráter mecanizado da modernidade, tanto das existências individuais quanto das relações entre as pessoas, que operam como máquinas em um cenário industrializado e impessoal. Com base nessa ideia de impessoalidade, se instaura um conflito básico entre viver só e desfrutar da companhia de estranhos em meio ao burburinho da grande cidade, como já visto na epígrafe do conto.

O homem

- Como visto, no século XIX a subjetividade humana invade a esfera pública, gerando atitudes contraditórias por parte dos sujeitos. O movimento ambíguo desse homem misterioso revela um desejo de se integrar à multidão mesclado a um desejo por anonimato, que sinaliza a necessidade de se proteger e não ser reconhecido.
- A perseguição ao homem misterioso pode ser interpretada como uma metáfora para a busca por desvendar o que está por trás da dimensão singular do ser humano.
- Enquanto a multidão possui certo comportamento padrão, apresentado como “um mar de guarda-chuvas” ou corpos que transitam sem colidir, o homem das ruas não apresenta hábitos padronizados, anda sem destino, dá voltas, não aparenta ter objetivos além do fato de se recusar a estar só.

O narrador

- Retomando a categorização do Norman Friedman (2002), em “Ponto de Vista na Ficção”, o narrador em 1ª pessoa do conto pode ser conceituado como “eu-protagonista”. Esse narrador é um personagem ativo dos eventos, e o seu ato de observar se torna tão central na história quanto as pessoas e as ações observadas.
- Como todo narrador em 1ª pessoa, trata-se de um narrador pouco confiável, já que narra unicamente de seu ponto de vista. No conto de Poe, a falta de neutralidade é ainda mais acentuada, já que ele diz se encontrar “em uma daquelas felizes disposições que são tão precisamente o contrário do tédio”. Assim, temos um narrador extremamente propício à investigação, um narrador que, ao declarar que está se recuperando de uma doença, revela uma predisposição a se impressionar com qualquer coisa que lhe atraia um pouco mais a atenção.
- Ele assume um olhar diferenciado em relação às coisas após retornar de uma doença. A curiosidade e o deslumbramento farão com que o narrador se prontifique a perseguir o homem misterioso, o que sinaliza a passagem de um simples fascínio em relação ao desconhecido para uma verdadeira obsessão em se descobrir a identidade dele. O que constitui o fio condutor da narração são justamente as impressões subjetivas desse narrador, aliadas ao seu estado peculiar.

“O narrador” de Benjamin vs. narrador de Poe

- Segundo Benjamin, o narrador é aquele que possui a experiência como matéria prima, e é a partir da experiência que ele tira o seu conhecimento, transmitido oralmente.
- Na sociedade industrial, essa experiência está agonizando pelo fato de a realidade e o sujeito não serem mais cognoscíveis. No conto do Poe, a investigação do narrador para revelar a identidade do homem misterioso não obteve resultados – o homem permaneceu sendo um mistério, como o próprio sujeito moderno. De certa forma, o conto seria o contrário da troca de experiências, já que a realidade não é mais capaz de ser compreendida e os conhecimentos de serem transmitidos, uma vez que ambos não conseguem mais ser acessados em sua totalidade. Na modernidade, portanto, há um certo distanciamento da visão de Benjamin acerca do contador de histórias.

Bibliografia

Azevedo, Ricardo Marques de. “Uma ideia de metrópole no século XIX”. *Revista Brasileira de História*: São Paulo, v. 18, n. 35, 1998. Disponível em:
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01881998000100007.

Baudelaire, Charles. “Edgar Allan Poe”. In: POE, Edgar Allan. *Poesia e prosa: obras escolhidas*. 2ª ed. São Paulo: Ediouro, 2000.

Benjamin, Walter. “O Narrador”. *Obras escolhidas – Magia, técnica, arte e política* (tradução de Sérgio Paulo Rouanet). São Paulo, Brasiliense, 1985.

_____. *A Modernidade e os Modernos* (trad. Heindrun Krieger Mendes da Silva, Arlete de Brito e Tânia Jatobá). Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

Friedman, Norman. “O Ponto de Vista na Ficção” (trad. Fábio de Melo). São Paulo, Revista USP, 2002.

Poe, Edgar Allan. *A Filosofia da Composição*. São Paulo: 7Letras, 2011.

Millena Machado
(email: millenasm@usp.br)